

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



### CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO RECENTE DA ECONOMIA BRASILEIRA E CEARENSE

Janiel Barbosa da Silva<sup>1</sup>, Silvana Nunes de Queiroz<sup>2</sup>

#### 1. Introdução

A primeira e a segunda década do século XXI estão marcadas por crescimento econômico, baixo crescimento e crise econômica e política no Brasil. Entre os anos de 2003 a 2010, no início do primeiro mandato (2003-2006) do governo Luiz Inácio Lula da Silva, os anos de 2003 e 2004 são marcados, em certa medida, pela continuidade da política neoliberal dos governos anteriores. Porém, a partir de 2005, principalmente no segundo mandato do governo Lula (2007-2010), o mesmo implementou e realizou investimentos em programas sociais, obras públicas e liberalização de créditos. Essa política econômica proporcionou crescimento econômico com inclusão social, através do aumento do consumo e bem-estar social da população (PRATES; FRITZ; PAULA, 2019). Por sua vez, no Ceará, esse período é acompanhado e correspondido de forma contínua por políticas públicas direcionadas ao incentivo da industrialização do Estado, mas com foco também nas políticas públicas e projetos sociais, seguindo a tendência do país (RODRIGUES; BARROS; LIMA JÚNIOR, 2017).

No tocante a segunda década do século XXI, precisamente no primeiro mandato da Presidenta Dilma Rousseff (2011-2014), a dinâmica econômica brasileira já não teve o protagonismo no cenário mundial e nacional, observado ao longo de grande parte dos anos 2000, durante o Governo Lula. A política econômica brasileira procurou direcionar mecanismos para se defender dos efeitos da crise econômica mundial financeira do ano de 2008. Com isso, o governo Dilma passa a adotar políticas restritivas e de austeridade econômica para conter o desequilíbrio fiscal, o que resultou na diminuição do crescimento econômico, aumento da dívida externa e empobrecimento da população (DWECK; TEIXEIRA, 2017). As Unidades da Federação não se livraram dos impactos da crise mundial e nacional, e no caso do Ceará, estado alvo deste estudo, o mesmo sofre com a queda dos investimentos e da produtividade, além de baixo crescimento econômico, com dinâmica oposta à vivenciada entre 2004 até 2010 (IPECE, 2019).

Por sua vez, nos anos de 2015 e 2016, a crise econômica brasileira se aprofunda, com a intensificação dos conflitos políticos. A presidenta Dilma Rousseff sofre um processo de impeachment e, em agosto de 2016, o seu governo é substituído por Michel Temer (vice-presidente), que adota política de austeridade econômica, aprovação da reforma de contenção de gastos públicos e reforma trabalhista, com ampliação da terceirização e modificações das leis trabalhistas. Com tais reformas, o país e o Ceará, permanecem com

---

<sup>1</sup>Universidade Regional do Cariri, E-mail: silva.j.b@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: silvana.queiroz@urca.br

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



baixo crescimento econômico, aumento do desemprego e proliferação da pobreza e exclusão social.

## 2. Objetivo

Analisar, brevemente, o comportamento da economia brasileira vis-à-vis a cearense, a partir da segunda década do século XXI.

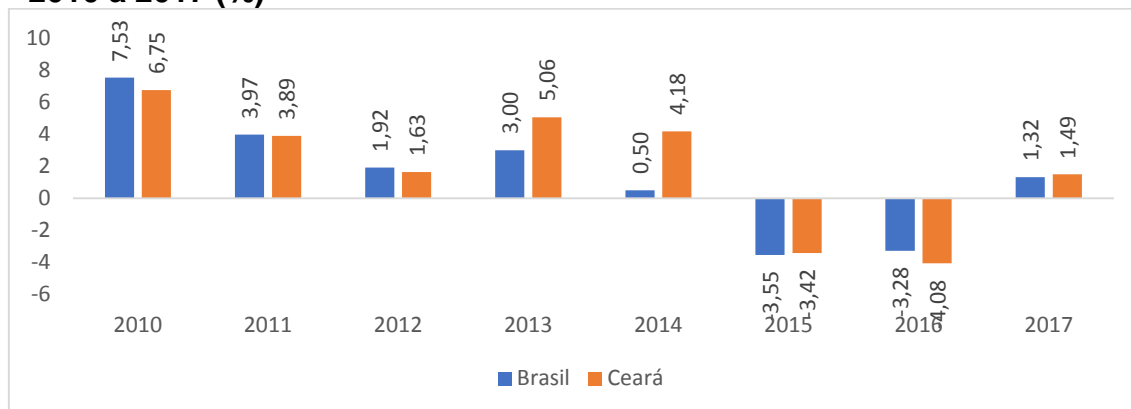
## 3. Metodologia

O Sistema de Contas Regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), através dos Indicadores Econômicos do Ceará, Radar do PIB Cearense pela Ótica da Renda e da Produção, além de capítulos de livros, periódicos e artigos publicados em anais de congresso foram usados para fundamentar os resultados encontrados.

## 4. Resultados

A comparação da dinâmica econômica do Brasil vis-à-vis o Ceará, através da evolução da taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB), nos primeiros anos da segunda década do século XXI, mostra no Gráfico 1, o crescimento para o Brasil superior a média cearense até 2013, quando o Ceará passa a crescer mais que o país. Em 2010, o PIB brasileiro foi de 7,53%, enquanto para o Ceará foi de 6,75%. A partir de 2011 essa taxa começa a declinar até o ano de 2016, tanto para o Brasil quanto para o Ceará, quando retoma tímido crescimento em 2017, depois de dois anos seguidos (2015 e 2016) com PIB negativo. No ano de 2017, o PIB volta a ser positivo, com modesto crescimento de 1,32% para o Brasil e 1,39% para o Ceará.

**Gráfico 1 - Evolução da Taxa de Crescimento Real do PIB – Brasil e Ceará - 2010 a 2017 (%)**



Fontes: Sistema de Contas Regionais (IBGE) e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

Conforme Baltar (2014), em 2010, a economia brasileira crescia acompanhada de gastos sociais e expansão do crédito pelo Estado, bem como vivenciava melhora nas exportações das commodities e baixa inflação. Esse

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

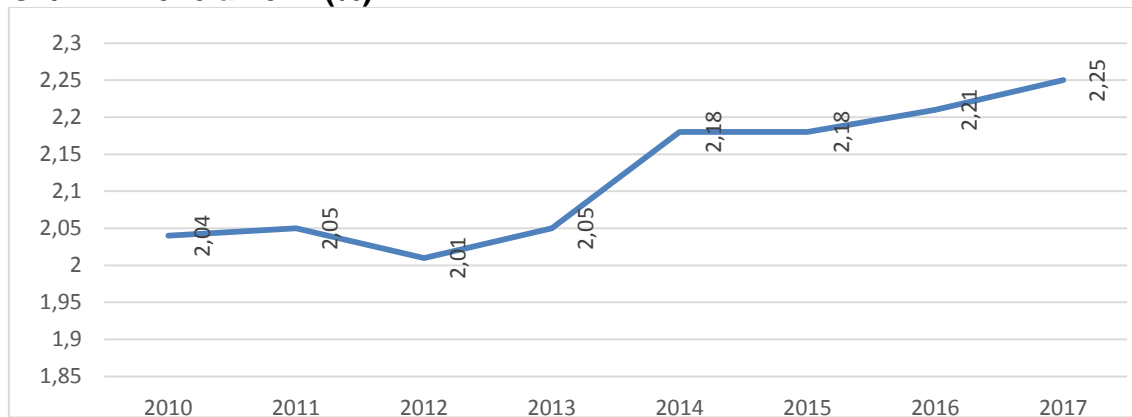


quadro fortaleceu o PIB, junto com o aumento do consumo que diminuiu no ano de 2011, dado a crise financeira internacional de 2008. Nesse sentido, o setor privado não ampliou os investimentos, o que prejudicou o crescimento do PIB a partir de então.

Segundo Cattán e Rolim (2018), o responsável pela queda do Produto Interno Bruto brasileiro entre 2011 até 2016, foi o declínio dos investimentos. Entre 2011 e 2014, houve um pífio crescimento do PIB que veio acompanhado com inflação de 6,41% e queda dos investimentos. Com a intensificação da crise política que impactou bastante na crise econômica, puxado por uma taxa de inflação de 10,67% em 2015, queda na taxa de investimentos de 19% para 16% em relação ao PIB e crescimento de juros de 11% para 14,25%, entre 2014 e 2015, respectivamente. Esse quadro aprofundou significativamente a crise econômica de 2015 a 2016. A partir de 2017, a economia se restabeleceu, mas com crescimento modesto (MATTEI, 2018).

Apesar da recessão econômica, de acordo com o Gráfico 2, observa-se aumento na participação do PIB cearense no brasileiro. Em 2010, tal participação foi de 2,04%, mantém-se praticamente constante em 2011 (2,05%), declina para 2,01% em 2012, e a partir de 2013 cresce de maneira ininterrupta, até atingir 2,25% no ano de 2017.

**Gráfico 2 - Participação do Produto Interno Bruto a preços correntes – CE/BR - 2010 a 2017 (%)**



Fontes: Sistema de Contas Regionais (IBGE) e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

A base do aumento da participação do PIB do Ceará em relação ao brasileiro, em certa medida, tem relação com uma política de industrialização pautada pelo planejamento. Entre 2006 a 2014, a política industrial cearense expandiu as estruturas produtivas significativamente, seja da indústria, do setor da construção civil, do setor de serviços, do segmento têxtil, bem como criação de vagas, principalmente na indústria têxtil, enquanto ao mesmo tempo houve avanços no grau de escolaridade da população, mas a remuneração da força de trabalho permaneceu baixa (RODRIGUES; BARROS; LIMA JÚNIOR, 2017).

Por sua vez, o Gráfico 3 mostra a evolução recente do Produto Interno Bruto per capita do Brasil e Ceará. Em 2014, o Brasil inicia com um PIB per capita de R\$ 34.514 reais, apresenta tendência decrescente, até atingir o valor

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

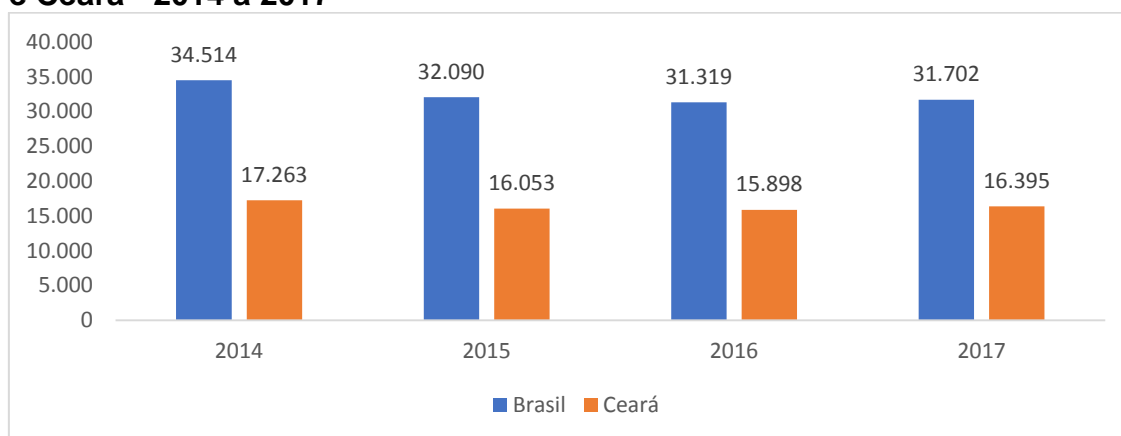
07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



de R\$ 31.702 reais em 2017. Quanto ao Ceará, o estado apresenta valores bem inferiores à média brasileira e dinâmica semelhante ao país, com tendência de empobrecimento da população, a partir da diminuição do PIB per capita, que passa de R\$ 17.263 para R\$ 16.395, entre 2014/2017, respectivamente.

**Gráfico 3 - Evolução do Produto Interno Bruto (PIB) per capita (R\$) - Brasil e Ceará - 2014 a 2017**



Fontes: IBGE e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

No combate a crise internacional e financeira de 2008, conforme Teixeira (2019), o governo correspondeu com a acentuação dos mecanismos do Estado no ano de 2009, através de investimentos por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançamento do programa Minha Casa Minha Vida, redução de impostos, liberalização de crédito pelo Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES), além da redução da taxa de juros. Houve também ampliação do Programa Bolsa Família e do seguro-desemprego. Então, a crise financeira foi combatida com geração de emprego e renda, uma total política de anticrise. Isso fez aumentar a proteção social e o consumo das famílias diante de uma crise que se agravou no ano de 2013 para 2014.

A partir de 2014, a economia brasileira começa a diminuir o dinamismo que culminou em um desequilíbrio fiscal. Iniciou-se o declínio das arrecadações em relação às despesas, crescimento da dívida causado pelo aumento da taxa de juros e decrescentes taxas reais do PIB, percas salariais e queda dos investimentos. Essa crise econômica é também motivada por conflitos políticos que levaram ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Para combater a crise econômica, o governo brasileiro adotou uma política econômica de austeridade, com a recessão econômica se perpetuando nos anos de 2015, 2016 e nos anos posteriores (DWECK; TEIXEIRA, R. A, 2017), atingindo os estados, como foi o caso do Ceará.

## 5. Conclusão

A segunda década do século XXI, tanto para o Brasil quanto para o Ceará, foram de baixo crescimento econômico e empobrecimento da população, com

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão”



destaque para o país, dado que o Ceará reagiu um pouco melhor a crise financeira internacional de 2008, crise econômica e política brasileira. Isto porque, para o enfrentamento da crise nacional, o governo da União se apropria de uma política restritiva e reformas que aprofundam ainda mais o baixo crescimento econômico brasileiro, que resultou no empobrecimento da população, quando se analisa pela ótica do PIB per capita.

Por sua vez, o comportamento recente da economia cearense, em meio à crise econômica e política do país, foi oposto a brasileira, dado que o governo estadual permaneceu investindo em políticas públicas, obras de infraestrutura e atraiu indústrias para o Estado. Com isso, desde 2013, a economia do Ceará cresce acima da média brasileira, aumenta a participação do PIB cearense no cenário nacional, mas mantém o PIB per capita bem abaixo da média do país.

### 6. Agradecimentos

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela bolsa de Iniciação Científica e, com isso, me proporcionar aprendizado e colaborar com a pesquisa científica brasileira.

### 7. Referências

- BALTAR, P. E. A. Política econômica, emprego e política de emprego no Brasil. Estudos avançados, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 95-114, 2014.
- CATTAN, R.; ROLIM, L. Recessão e crise: o que levou à desaceleração do investimento no Brasil nos anos 2010?. In: Prates, D. M.; Terra, F. H. B. (Orgs). DOSSIÊ V DA AKB “O Brasil pós-recessão: das origens da crise às perspectivas e desafios futuros”, p. 58-66, 2018. Disponível em: [www.associacaokeynesianabrasileira.org](http://www.associacaokeynesianabrasileira.org). Acesso em: 30 out.2020.
- DWECK, E.; TEIXEIRA, R. A. A política fiscal do governo Dilma e a crise econômica. Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 303, jun. 2017.
- IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Indicadores Econômicos do Ceará – 2019. Disponível em: < [https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/02/Indicadores\\_Economicos\\_2019.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/02/Indicadores_Economicos_2019.pdf)>. Acesso em: 11. 11. 2020.
- MATTEI, L. Os efeitos da crise econômica de 2015-2017 sobre o mercado de trabalho brasileiro. In: Prates, D. M.; Terra, F. H. B. (Orgs). DOSSIÊ V DA AKB “O Brasil pós-recessão: das origens da crise às perspectivas e desafios futuros”, p. 113-123, 2018. Disponível em: [www.associacaokeynesianabrasileira.org](http://www.associacaokeynesianabrasileira.org). Acesso em: 30 out.2020.
- PRATES, D. M.; FRITZ, B.; PAULA, L. F. O desenvolvimentismo pode ser culpado pela crise? Uma classificação das políticas econômica e social dos governos do PT ao governo Temer. In: Texto para discussão. 2019. N° 09. Instituto de Economia. Universidade Federal de Campinas.
- RODRIGUES, A. C.; BARROS, C. V.; LIMA JÚNIOR, F. O. A evolução no mercado de trabalho no Estado do Ceará na Indústria de Transformação no setor têxtil em 2006 e 2014. Economia política do desenvolvimento, Maceió, v. 8, p. 46-68, 2017.
- TEIXEIRA, M. O. Os efeitos econômicos da Reforma Trabalhista. In: KREIN, J. D; VERAS, R. O.; FILGUEIRAS, V. A. (Orgs). Reforma trabalhista no Brasil: promessas e realidades. Campinas/Brasília: Curt Nimuendajú, 2019.